

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Corantim Class.: 37

Data: Out/81 Pg.: _____

Pará

Emancipação e loteamento rejeitados pelos Tembê

Solidariedade de outros povos



- Os Tembê recebem apoio de outros povos (Foto Nello Rufaldi)

A tragédia que a atuação oficial está causando ao povo Tembê gerou manifestações de solidariedade de outros povos, temerosos que o mesmo processo acabe recaído sobre eles após a "desindianização" dos Tembê. Atualmente, praticamente o mesmo problema ataca os índios Tapirapé na Ilha do Bananal, em Mato Grosso, e a Funai, representando o governo, passou a ser o fantasma que assusta dia e noite a vida dos povos indígenas.

O índio Maciel, dos Khewol, afirma que para garantir o extermínio dos índios a Funai "está pegando dinheiro das pessoas grandes que tem poder, donos de barco dono de comércio, dono de não sei o que. E, apesar dela nos querer enganar não aparecem pela frente as palavras que ela diz por trás, entendem? Como ela fez com nossos irmãos Tapirapé e Tembê, e pode fazer com a gente se não nos unirmos".

Os Tembê, para o cacique Felizardo dos Santos, do povo Galibi aldeia de Kumarunã, estão sendo vítimas de uma artimanha que visa fazê-los ficar "coitados, escravos dos outros. Eles tinham muitas terras e agora está acabando tudo e, se eles ficarem fracos e deixarem os fazendeiros tomar a terra deles então amanhã ou depois, como a Funai não toma providências, vai acontecer a mesma coisa com todos os índios".

"Índio com índio se entendendo, terá mais força" é a solução apontada pelo índio Galibi Lucival Roberto dos Santos, para quem o índio deve ser respeitado pelos seus compatriotas, os índios e os brancos. "Se fosse para a Funai trabalhar em favor do fazendeiro, como está ocorrendo, tinha que trocar de nome e não usar a sigla Funai. Podia colocar Funafa, porque está trabalhando em favor dos fazendeiros", completa.

O índio Tuxuana Paulo Orlando Filho garante que "os índios perderam a confiança na Funai por causa do que ela fez com os Tembê, onde ela mesma está entregando a terra". Como cacique dos Palikur, Paulo Orlando Filho procura mostrar que "nós estamos lutando pelo que é nosso" e aconselha os Tembê a terem fé e força para lutar. "Eles querem pisar nas nossas almas, como já pisaram no passado".

Da mesma nação, outra vez levantou-se apoiando os Tembê: é do índio Moisés. "Nós ficamos muito tristes com o que estão fazendo conosco, com vocês e também conosco porque nós somos índios, somos um só povo".

Leon, pastor Palikur, envia uma mensagem de força. "Eu te peço irmão Tembê: sempre animado. Fique firme na terra para poder render para vocês. Não deixa a terra". Da aldeia Palikur do rio Urukauã, no Oiapoque (Amapá), o índio José Narciso, da aldeia Flexa, manifestou-se contrário ao posicionamento da Funai. "Isso que a Funai faz não queremos não. Se amanhã vem fazer conosco o que está fazendo com os Tembê nós vamos nos levantar com raiva". Isidoro Narciso, também da aldeia Flexa, pede aos Tembê para terem força, "pois não quero que amanhã alguém venha jogar nós fora como cachorro dizendo que índio não produz para o país". E Ricardo Narciso, também da Flexa, pede aos Tembê "não entrega nossa terra não. Todos nós somos irmãos e este país é nosso".



- A comunidade dos Tembê, ameaçada pelo loteamento proposto pela Funai (Foto Pe. Nello Rufaldi).

eles não sabem onde a gente nasceu, de onde a gente veio, quem são os pais, os avós. Somos nós que sabemos: a comunidade e os mais velhos".

E essa não foi a única discussão entre os dois chefes. Logo depois, quando os índios mais velhos analisaram a situação e concluíram que o objetivo da Funai era claramente emancipar os Tembê, o líder João Soares procurou novamente o delegado regional do órgão no Pará, Paulo Abreu. "Já que a terra dos Tembê vai ser loteada e titulada, nesta altura os Tembê vão ser emancipados, disse Joca. Ao que Paulo Abreu respondeu, irritado: "aqui é proibido falar em emancipação dos índios". E Joca: "Mas os índios antigos falam que não querem a terra assim loteada. Querem a terra em conjunto e toda limpa. Toda a terra é nossa, dos índios".

Segundo conta o próprio João Soares, o delegado da DR 2 da Funai ameaçou-o e criticou-o como líder. "Eles acham que quem tem que escolher os líderes é a Funai, não a comunidade. Então, da parte da comunidade, estamos sentindo que a Funai quer eliminar a liderança para fazer o que ela tem vontade, que é acabar com o índio".

Quando foi alertado sobre os problemas do povo Tembê, um dos líderes dos Kewol, o índio Maciel, fez um discurso violento contra a Funai, encerrado dessa forma: "hoje o meu coração sangra pelo que eu ouvi, que eles querem emancipar os Tembê. Não, a Funai não vai fazer isso conosco. Se tiverem raiva de nós, podem falar em qualquer ocasião".

cima da brasa, piranha com toda a sua tripa eu comi, como eles podem dizer que não sou índio? o governo veio e colocou integrada, colocou Mobral, colocou não sei mais o que. Por quê? Para nós aprender. Hoje, uns sabem ler, escrever o que dizem, e por isso eles vão dizendo não é mais índio. Por que então eles colocam escola para nós? A Funai quer tirar o direito do índio. Então, a Funai não gosta do índio".

Será possível a um índio deixar um dia de ser índio? Os personagens dessa dúvida, os próprios indígenas, irritam-se e gritam que não (o depoimento acima é do índio Maciel, dos Kewol, quando soube da ameaça que paira sobre os Tembê, do Posto do Guamá).

Mas a Funai insiste que podem, e tenta aplicar essa teoria com vistas aos acordos econômicos do governo bra-

sileiro com empresas de grande porte, "desindianizando" os Tembê. E a Funai acabou por confirmar as consequências de seus planos: se há coisa que mais irrita um índio, além de tirar-lhe a terra (coisa que o governo já faz há muito tempo) é negar-lhe a identidade étnica. Como se fosse possível. Emancipar a qualquer custo.

"Você não é índio. Eu também posso ser índio. Eu posso mandar procurar uma gota de sangue de índio em mim que sou louro e posso dizer que sou índio. Os bisavós dos meus avós eram índios, então posso ser índio".

Foi assim, de forma rispida, que o chefe do Posto de Guamá, dirigiu-se ao líder Tembê, João Soares (o Joca) quando estavam discutindo sobre as ameaças de emancipação que pairam sobre aquele povo. Joca ficou indignado: "os funcionários da Funai não podem fazer isso, porque eles não conhecem,

Os Tembê do Guamá no Estado do Pará se transformaram no povo onde a Funai, com maior persistência, realiza a aplicação prática dos chamados "critérios de indianidade" para diminuir a área indígena. Invadida por posseiros, os Tembê estão sendo espremidos, pelo grande fazendeiro que explora a todos. Como o governo não pretende tocar na injusta estrutura fundiária do Estado, a Funai propõe uma solução (?) que significa prejuízo certo para os índios: deixar os posseiros dentro da área e dividi-la em lotes individuais para as famílias, que, ao todo, ficariam com apenas 4% dos 356 mil hectares. Os Tembê não aceitaram nenhuma proposta e afirmam a sua "indianidade".

O padre Nello Rufaldi, coordenador do Cimi-Norte II, após visita na comunidade Tembê teve a sua autorização para entrar nas áreas indígenas arbitrariamente suspensa pelo Delegado Regional da Funai.

O Coordenador do Cimi-Norte II ouviu as denúncias da comunidade Tembê contra o Delegado da Funai, o chefe do posto e o advogado Raimundo Nonato Hollanda. De acordo com os Tembê todos eles pressionaram a comunidade para "aceitar o loteamento de suas terras e a drástica redução de sua área, como única solução capaz de resolver o problema das invasões" (Nota do Cimi-Norte II em setembro).

EMANCIPAÇÃO

"Como é que um índio não é mais índio? É índio sim! Se foi aqui que eu nasci, aqui foi enterrado meu umbigo, é aqui que minha mãe e meu pai me criaram, com assado feito em cima da terra, em

Cimi-Norte II proibido de visitar áreas indígenas

Os rumos traçados pelo governo ao destino dos Tembê não prevê uma conscientização dos índios. Por esse motivo até mesmo a Igreja já está sendo massacrada pelos objetivos capitalistas do esquema montado para roubar as terras Tembê. Tanto que o padre Nello Rufaldi, coordenador do CIMI - Norte II que tinha autorização para trabalhar nas áreas indígenas teve seu trabalho ditatorialmente podado no início de agosto, quando as garras do sistema foram usadas para vetar-lhe o acesso a qualquer aldeia do Pará. Padre Nello já havia sido expulso de uma área indígena em 1978, na região do Oiapoque (Amapá). Daquela vez, até policiais chegaram a ser usados na expulsão.

A autorização da Funai para padre Nello Rufaldi, irmã Roberta Lee Spires e dom Erwin Krautler, todos da Regional Norte do CNBB, foi dada no dia 7 de julho deste ano, sob número 028/81. Estratégicamente, porém, houve uma pequena alteração à formalidade: ao invés de autorizar a visita como missionária, conforme rezam as portarias 472/N de 24/11/77 e 449/N de 12/09/77, o documento expedido pela Funai enquadra as visitas dentro do campo de "pesquisa científica". Isso deu margem para que o delegado regional da Funai em Belém, Paulo Abreu, pudesse revoga-la (desrespeitando a hierarquia do órgão) alegando estranheza quanto aos rumos "desagradá-

veis com que o padre Rufaldi vem se conduzindo em suas visitas às comunidades indígenas".

A expulsão dos missionários da área Tembê causou grande indignação entre eles. Segundo o padre Rufaldi, "nós nos encontramos numa situação tal que, ou aceitamos a política indigenista da Funai ou a política do Evangelho. No primeiro caso deveríamos mudar de profissão e princípios, renunciando praticamente às raízes de nossa fé, nos tornando missionários da Funai e empregados da mesma, sem remuneração. No segundo caso, depois de inúmeros esforços, concluo que não tem jeito de trabalhar e dialogar com a Funai porque os princípios que norteiam a mesla e os que vêm do Evangelho têm rumos bem diferentes".

Padre Nello garante que acabaram-se as formas de diálogo. "A consequência é esta contínua briga que nunca acaba. A Funai aceita o diálogo só num sentido: o da convivência da Igreja para encobrir uma atuação contra-índio em troca de um direito que Deus dá à sua Igreja. Aliás, não de um direito, mas um dever. Aqui cabe a pergunta do apóstolo Pedro: 'olhem vocês se temos que obedecer aos homens ou a Deus'".

A expulsão do padre Nello Rufaldi mereceu protestos veementemente de entidades e pessoas ligadas à causa indígena.